

e as pastagens vizinhas, ora cheias da vida dos rebanhos, ora desertas. Com a sombra de teu pai a teu lado em suas velhas roupas de andarilho durante muito tempo e depois, por muito tempo, sozinho. Somando passo após passo ao total sempre crescente dos que já tinham sido dados. Parando aqui e ali, com a cabeça baixa, para apurar a contagem. Continuando em seguida, novamente do nada. Encolhido dessa maneira, vê-te imaginando que não estás só, quando sabes muito bem que nada aconteceu para tornar isso possível.

(*) Não obstante, o processo não se detém, alimentado, por assim dizer, pela própria falta de sentido. Não murmuras explicitamente, Sei que isso está fadado a fracassar e, no entanto, persisto. Não. Pois o pronome na primeira pessoa do singular e posteriormente do plural nunca figurou em teu vocabulário. Mas, sem palavras, tu te vêes assim, como verias um estranho que sofresse

do mal de Hodgkin ou, se o preferes, do de Percival Pott, surpreendido em oração. De vez em quando deitas-te, com uma facilidade inesperada. As várias partes do corpo põem-se a funcionar simultaneamente. Os braços soltam os joelhos. A cabeça se ergue. As pernas começam a se esticar. O tronco se inclina para trás. E juntas, essas e inúmeras outras continuam a agir de sua forma peculiar até atingirem seus respectivos limites e repousam juntas. Deitado agora, retomas tua fantasia, a partir do momento em que o ato de deitar a interrompeu bruscamente. E prossegues, até que o operação oposta a interrompe bruscamente outra vez. E assim, no escuro, ora encolhido ora distendido, tu te esforças em vão. E, do mesmo modo que a mudança da posição antiga para a mais recente vai se tornando mais fácil e pronta com o tempo, o mesmo acontece com a inversão da postura mais recente para a mais